



Oficina de Notícias e Vitória da Conquista: Uma análise do papel social do jornal-laboratório¹

Halanna Souza ANDRADE²
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo

O presente artigo tem como base a análise da relação mantida pelo jornal-laboratório Oficina de Notícia (ON) do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia com a cidade de Vitória da Conquista. A fim de provocar um debate sobre a prática jornalística no jornal-laboratório, traçando o perfil dos estudantes de comunicação da Uesb, sua visão da cidade e do jornalismo, refletida no Oficina de Notícias.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornal-laboratório; Vitória da Conquista

Introdução

Não nos propomos à análise fria das notícias, apenas quantificá-las e julgá-las. A intenção deste artigo é de repensar o papel do jornal-laboratório frente a sua realidade, como esta é representada em suas folhas.

A análise aqui apresentada foi realizada mediante a observação do conteúdo das edições 21 a 25, do período de novembro de 2008 a maio de 2009. O critério para a delimitação do objeto de estudo surge a partir da mudança de docentes nas disciplinas Oficina de Jornalismo Impresso I e II. Seguida do novo projeto gráfico e editorial do produto dessa disciplina. Criado pela turma do período, o modelo em questão permanece no Oficina de Notícias mesmo na turma posterior a esta.

Diferente dos produtos desenvolvidos nos laboratórios de Rádiojornalismo e Telejornalismo - restritos apenas ao ambiente acadêmico - estudar o Oficina de Notícias se torna relevante, por ser o único produto laboratorial que alcança a sociedade, desenvolvendo temáticas que dizem respeito à realidade da Uesb e da cidade de Vitória da Conquista.

Como o próprio nome sugere, jornal laboratório é um instrumento de experimentação, aprendizagem e prática do jornalismo impresso dos cursos de comunicação social. Nele, as experiências adquiridas no “fazer” jornalístico se fundem à teoria obtida nas salas de

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Exemplo: Estudante de Graduação 6º semestre do curso de Comunicação habilitação em Jornalismo da UESB – Vitória da Conquista, e-mail: halanna.andrade@yahoo.com.br



aula, possibilitando ao aluno experimentar novas linguagens, formatos, gêneros, projetos gráficos e editoriais.

Por se tratar de uma produção independente de vínculos econômicos e mercadológicos, o jornal-laboratório não necessita de publicidades para a sua manutenção. Tal aspecto permite que os alunos do curso de comunicação possam trabalhar suas idéias, a fim de não repetir os modelos já reproduzidos nas mídias convencionais.

O veículo tem como objetivo preparar os alunos para o mercado de trabalho, mas na perspectiva de ir além dele e superá-lo, para que ocorra renovação. O exercício laboratorial com jornal deve legitimar formatos inovadores no campo gráfico e editorial, estimulando a experimentação e a criatividade, principalmente se estiverem baseadas na vivência de experiências jornalísticas reais, enriquecendo o valor pedagógico da prática. A elaboração do jornal-laboratório não deve se restringir às práticas do mercado, ou seja, ao ‘seguir o modelo’ do mercado (POLICENO FILHO, 2008, p. 90).

A idéia de um ambiente experimental é também compartilhada por Lopes (1989), quando afirma que:

“É fundamental que os laboratórios sejam entendidos como espaço de aprendizagem e não como complementos da estrutura burocrática que em muitos casos os têm administrado de forma distorcida, transformando-os em núcleos de produção industrial”. (MARQUES APUD LOPES, 1989, p. 34)

Quando o jornal abdica de seu papel experimentador, perde seu caráter educativo. O laboratório deve ser posterior a um processo teórico, construtor de uma consciência crítica de como se dá a produção jornalística. As teorias da Comunicação e do Jornalismo devem assumir um papel de desconstrução dos modelos, permitindo aos discentes uma múltipla visão de sua função na sociedade e em como sua profissão pode ser atuante no meio social como modificadora.

A deficiência da compreensão da teoria se reflete na prática, quando esta segue o jugo do senso comum, uniformizando sua produção com a do mercado. Quando o aluno trata o laboratório como uma redação de um jornal comercial e segue a tendência dos modelos usuais, ele perde a chance de obter um diferencial em sua produção posterior por não ter experimentado novas formas de se fazer notícia.

“A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. (...) Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social” (ADORNO, p.114)



Nesse contexto, o docente responsável pela produção laboratorial assume o papel de provocador, ao incitar nos alunos a necessidade de criar novas formas de abordagem noticiosa e de adequar os critérios de noticiabilidade, definidos dentro do laboratório, à realidade social na qual o jornal está inserido.

O exercício diário desta reflexão se torna aspecto crucial para a formação do futuro jornalista. Para Lopes (1989), o jornal-laboratório integra os alunos na problemática da futura profissão, tornando possível que obtenham uma visão global do processo jornalístico, não apenas no aspecto conceitual, mas também na prática do dia-a-dia das redações.

“O laboratório é importante para o aluno porque o ajuda a conhecer o jornal em vários sentidos, desde a pauta, checagem das fontes envolvidas no assunto, entrevistas, pesquisa no banco de dados, leitura complementar e a produção do texto. O aluno transporta para as páginas do jornal-laboratório a vivência teórica da sala de aula, que fica distante do praticar jornalismo. Incentivado pelo exercício, o aluno vai canalizar seu conhecimento e buscar formas de aplicar e desenvolver sua criatividade na construção de um texto jornalístico apurado e refinado” (VIEIRA, 2002, p. 96).

Podemos comparar a prática laboratorial com uma estufa, onde são apresentadas as condições necessárias para que as sementes ali lançadas germinem e ofereçam resultados proveitosos. Nesses espaços, os estudantes de comunicação, futuros profissionais, começam a treinar a visão crítica para observarem fatos cotidianos ou situações pontuais, compreendê-las e transformá-las em notícias que reflitam a realidade que se propõem a discutir.

Oficina de Notícias

Durante o primeiro ano do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Uesb, são oferecidas disciplinas que se constituem como suporte teórico para as disciplinas de laboratório. Dentre elas estão Português Instrumental I e II, ambas pré-requisitos para o ingresso nas Oficinas de Jornalismo Impresso. Comunicação Jornalística, Teorias do Jornalismo, Gêneros Jornalísticos, Sociologia Geral e da Comunicação, além de História da Filosofia Moderna e Contemporânea, fazem parte da preparação para as oficinas, para que teoria e prática possam ser aliadas de forma satisfatória nos produtos laboratoriais.

No segundo ano de formação do Comunicador Social da Uesb são oferecidas as primeiras disciplinas laboratoriais que consistem em Oficina de Jornalismo Impresso I e



II. Segundo o ementário de disciplinas, a Oficina de Jornalismo Impresso I tem como definição “a compreensão e execução dos diversos modelos de práticas discursivas do jornalismo impresso (regional, nacional e internacional)”. E para a Oficina de Jornalismo Impresso II, o “desenvolvimento de atividades de experimentação de linguagens no campo do jornalismo, sempre vinculadas a produtos laboratoriais”.

Estas disciplinas atualmente são ministradas no laboratório de Jornalismo Impresso, inaugurado em 28 de agosto de 2004. O produto é um jornal impresso com tiragem variante entre 1.000 e 2.000 cópias, financiadas pela Universidade e distribuídas pelos próprios estudantes.

A primeira edição do jornal-laboratório se chamava *Uesb em dia*, e com o passar dos anos foi consolidado o nome utilizado atualmente, *Oficina de Notícias*.

Análise

O objeto de estudo deste artigo são as edições do período de novembro de 2008 a maio de 2009, de número 21 a 25 do *Oficina de Notícias*. A escolha do objeto foi motivada pela mudança de docente que ministrava as Oficinas de Jornalismo Impresso I e II no ano de 2008. Essa troca de professores provocou uma mudança na linha gráfica e editorial do ON despertando a nossa atenção no que tange a nova forma como seria trabalhada a Oficina de Jornalismo Impresso a partir desse momento. Após quatro anos à frente destas disciplinas laboratoriais, a professora Carmen Regina de Oliveira Carvalho foi substituída de início pelo professor Marcus Antonio Assis Lima, que orientou esta turma na Oficina de Jornalismo Impresso I, no segundo semestre de 2008, sendo substituído pelo professor Rubens Sampaio, que ofereceu Impresso II a esta turma no primeiro semestre de 2009. Professor este que permaneceu ocupando essa função até a chegada da turma subsequente.

O público-alvo previsto para o Oficina de Notícias é a comunidade acadêmica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e a sociedade em geral de Vitória da Conquista. Os critérios de noticiabilidade que norteiam as pautas do ON, de forma hierárquica, são: proximidade com o público-alvo, relevância social, interesse público, raridade dos fatos e proeminência dos envolvidos. Os textos devem ser informativos, objetivos e exatos, com linguagem simples e direta, partindo do princípio de que o leitor do jornal não está familiarizado com o assunto.

Seguindo os critérios de noticiabilidade do Oficina de Notícias, seu público-alvo, e o tipo de texto que se propõe a levar em suas páginas, analisamos nas cinco edições 59 reportagens e 48 notícias. Dentro desse aspecto, buscamos identificar como o jornal



retrata a realidade local. Além de desenvolvermos uma avaliação qualitativa das matérias publicadas – abordagem, fontes consultadas, linguagem - já que pretendíamos observar como futuros profissionais da comunicação estão observando o contexto que os cercam, de que forma essas informações são transformadas em notícia e levadas à sociedade.

Para melhor compreensão do ON, avaliamos as reportagens nas suas editorias de Saúde, Economia, Segurança, Educação, Sociedade, Uesb, Bem Estar, Meio Ambiente e Política, além da sessão de entrevistas denominada de Com a Palavra, o espaço destinado às notícias, conhecido como Ponto Final, e a reportagem de capa, denominada Dossiê.

O Com a Palavra abre a possibilidade do aluno exercitar o gênero da entrevista, o que não é tão comum em jornais comerciais. O critério para a escolha do entrevistado é o mesmo utilizado para a seleção dos temas das reportagens. No entanto, pensando nesses critérios de forma hierárquica, a relevância social do indivíduo para com o público deveria vir antes que a proeminência do indivíduo e a raridade deste. Dentre as cinco edições avaliadas, três trouxeram pessoas famosas, que são o ator Zéu Britto, a ex-atriz e ex-apresentadora Myrian Rios e o ator, diretor e palhaço Pepe Nuñez. Tais entrevistados, que receberam importante destaque na editoria Com a Palavra não discutem nenhuma temática direcionada a realidade de Vitória da Conquista.

Outro problema facilmente identificado nessa editoria é a forma como as perguntas são elaboradas, pois direcionam e moldam a resposta do entrevistado. Essa afirmação pode ser constatada na entrevista com Myrian Rios, na edição 22 de dezembro de 2008, quando lhe fazem a seguinte indagação: “Tem uma música do Rei Roberto Carlos que canta: ‘De que vale tudo isso, se você não está aqui...’ Então eu te pergunto, de que vale tudo isso sem o amor de Deus?”. Outro exemplo é a pergunta feita ao Delegado da Polícia Federal, Eduardo Assis, na edição 23 de março de 2009 “Em poucos momentos da história recente do Brasil, viu-se tamanha admiração da opinião pública por um órgão governamental. Tratando-se de polícia a raridade é ainda maior. O DPF tem ganhado a admiração das pessoas por conta das operações que são montadas para desarticular grandes esquemas de corrupção, contrabando, tráfico de armas e entorpecentes. Quais são os projetos dessa instituição para que o departamento local ganhe a admiração da população conquistense?”.

Por vezes a dificuldade se dá no desconhecimento do trabalho realizado pelo entrevistado ou do contexto em que ele está inserido. Na entrevista, presente na edição



24 de abril de 2009, realizada com o Secretário de Cultura de Vitória da Conquista, Gildelson Felício, das seis perguntas feitas pelo ON, quatro foram sobre as festas tradicionais da cidade, dando um foco menor ao corte financeiro de recursos para a cultura que foi abordado apenas no fim da entrevista. Marcas culturais, como o Terno de Reis, que é considerado um aspecto cultural de Vitória da Conquista e uma realidade em quase todo o sudoeste baiano, não foi nem ao menos citado nessa entrevista.

O Com a Palavra deveria ter o papel de trazer conteúdo relevante ao público a que o jornal se destina, trazendo temáticas variadas e revelando fatos ainda desconhecidos pelos Conquistenses.

Na editoria de Economia é notável a presença de temas relevantes, quando se leva em consideração o contexto econômico de Vitória da Conquista. No entanto, a abordagem feita pelos alunos ainda está aquém de algo que traduza a realidade de forma concreta. Essa abordagem deficitária acaba transformando uma reportagem jornalística em uma propaganda, como as que são produzidas por assessorias de imprensa. O exemplo prático disso pode ser visto na reportagem intitulada de Vacas Gordas, da edição 23. O intuito dela é explorar o lado econômico da Expoconquista, mas acaba se tornando uma publicidade do evento. Uma reportagem que merece destaque dentro da editoria é a da edição 24, que recebe título de “Os dois lados da moeda”, que retrata de forma interessante a regularização dos camelôs e a ilegalidade das lojas que não emitem notas fiscais.

Já na editoria de Sociedade, percebemos a repetição de temáticas, dos cinco jornais publicados, dois trazem como pautas a questão do transporte coletivo de Vitória da Conquista, que além de trabalharem o mesmo assunto, possuem a mesma abordagem nos problemas relacionados ao transporte público. Nessa editoria, destacamos a matéria intitulada de “Novo aeroporto em Conquista”, publicada na edição de número 24. Nessa reportagem, as fontes diversificadas demonstram a necessidade emergente, que Vitória da Conquista possua de um novo aeroporto. Além disso, mostra prejuízos causados no setor cultural, econômico e social da cidade por ter um aeroporto de pequeno porte.

Na editoria de educação nota-se a superficialidade dos debates estabelecidos dentro das reportagens. Os entrevistados ainda trazem informações interessantes para uma posterior discussão, no entanto isso não é levado à frente, ficando registrado apenas na fala do entrevistado. Na edição 23, a reportagem “Universitários buscam estabilidade através de concursos”, o professor e filósofo Jorge Miranda discorda dos fatores apontados como impulsionadores da procura de graduandos pelos concursos públicos,



ao indicar que quem prepara as pessoas para essas seleções são cursos específicos, havendo assim uma necessidade mercadológica nessa questão. Ele ainda destaca a deficiência na educação brasileira. Após essa crítica, o repórter do Oficina de Notícias não traz nenhum desdobramento ou avaliação do que foi abordado na fala do entrevistado.

Outro ponto a ser destacado dentro dessa editoria é que das cinco reportagens publicadas, três discutem a temática dos problemas da educação apontando sempre meios de tecnizar o ensino para contornar as dificuldades existentes nesse setor. Os títulos dados as reportagens deixam claro que não há a intenção de discutir as raízes dos problemas e buscar soluções efetivas. A prática do ON é sempre a busca de paliativos para a questão, que é sem dúvidas muito mais complexa que os títulos das reportagens deixam transparecer: “Cursos técnicos: outra alternativa”, “Ensino público estadual continua com problemas” e “Mais uma alternativa para acesso ao ensino superior” são exemplos de como o assunto é visto pelos alunos. Nesta última reportagem destaca-se o comentário final da repórter, que após insinuar que a educação é um produto tecnológico como o “correio, rádio, televisão, vídeo, cd-rom, telefone, fax e internet”, traz o seguinte desfecho: “Talvez não seja a solução mais acertada para o problema da educação no país, mas se tem mostrado um método prático para quem não tem possibilidades de alternativas para a conclusão da educação superior. Cabe às autoridades, juntamente com a sociedade buscar alternativas para unificar o acesso da população às salas de aula”.

Se tratando da editoria de Política, foi observado que em nenhuma das quatro reportagens publicadas, a população conquistense é utilizada como fonte para as matérias. A idéia transmitida é que os conquistenses não pensam política e não participam da sua discussão e construção.

Os temas são diretamente voltados para a Câmara Municipal e ao prefeito, que se torna alvo de questionamentos diretos no que tange as suas ações frente à Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. A visão de que política se limita apenas a ações ou a ausência delas na Câmara de Vereadores e Prefeitura traz duas conseqüências facilmente observáveis nos textos desta editoria. A primeira é o cunho opinativo que transparece nas reportagens, fugindo do que é estabelecido como padrão de texto para o jornal-laboratório. A outra conseqüência é a ausência de questionamentos embasados e argumentação plausível para sustentar as críticas que são feitas, como podemos observar na matéria publicada na edição 25, intitulada de “Averiguando a situação” em que o



repórter escreve: “O Oficina de Notícia buscou fatos, acontecimentos e/ou controvérsias que tivessem relevância a ponto de se tornarem noticiáveis. Mas o que se vê até agora, é um mandado guilhermista sem muitas inquietações práticas, em conformidade com a hierarquia petista que transita pelo município, passeia pela governadoria do Estado e culmina na presidência.” Nessa reportagem, na qual a pretensão é avaliar os primeiros cinco meses da gestão do prefeito, Guilherme Menezes, o repórter destaca a inoperância do governo no trecho citado. Entretanto, no decorrer da matéria, um documento emitido pela Assessoria de Comunicação lista as ações realizadas pelo governo municipal. Esse documento, por si só, rebate os argumentos apresentados pelo repórter. Além disso, é válido destacar que nenhuma secretaria municipal foi consultada para averiguar se essas ações foram, de fato, realizadas e se haviam outras deliberações a serem listadas por estas. Ainda há de se destacar a ausência da população como fonte de avaliação dos cinco meses de governo.

A editoria Ciência e Tecnologia está presente em três dos cinco jornais que foram produzidos. Em todas o espaço foi utilizado para promover algum projeto ou evento realizado na cidade.

Repetindo problemas já constatados em outras editorias, Saúde também apresenta reportagens sem a participação da população como fonte consultada. “Combate à Dengue em Vitória da Conquista”, publicada na edição 23 traz as ações da prefeitura municipal e de órgãos do Estado no combate ao mosquito da dengue no município. Entretanto, a população não é consultada para saber se as atividades desenvolvidas por essas organizações têm chegado aos seus bairros e se tem assistido a todos da maneira devida. Os dados específicos sobre a dengue nos bairros de Conquista aparecem resumidos em um Box no final da matéria que ocupou o espaço de uma lauda inteira do Oficina de Notícias.

Das reportagens publicadas na editoria de saúde, “Auto-hemoterapia: médicos contra, pacientes a favor”, chama a atenção por apresentar um tema ainda desconhecido. Os argumentos apresentados esclarecem o que é esse tratamento, onde surgiu, a sua forma de divulgação e como chegou a Vitória da Conquista, além de trazer a opinião de conquistenses que já realizaram o tratamento. Os médicos foram consultados sobre o assunto, apesar de discordarem da prática, afirmam que não há nada que comprove os malefícios que essa técnica pode causar. Essa reportagem consegue por em prática o que se espera do ON, ao adotar o estilo informativo e consultar variadas fontes. A reportagem consegue passar ao leitor quantidade suficiente de informações para que



este tire suas próprias conclusões a respeito do assunto mesmo que este desconheça a prática.

Bem estar é uma editoria onde os temas abordados, por não apresentarem um direcionamento adequado, se distanciam do critério de relevância social. Como por exemplo a reportagem da edição 25 intitulada de “Meu amigo é o bicho”, que discute os benefícios que a interação entre as pessoas e os animais traz à saúde humana. “Quem não sorri quando vê um cãozinho todo serelepe abanando o rabo? Ou quem resiste àquele olhar pidão? Colocar um sorriso no rosto é o primeiro benefício que um animal proporciona a qualquer pessoa”. Apesar de ser um tema não tão comum nos veículos de comunicação, a forma como a reportagem aborda o assunto e como o texto é construído, não se torna atrativo ao leitor.

O problema de abordagem deficiente apontado na editoria Bem Estar pode ser constatado também na editoria de Segurança. A ausência de fontes não oficiais em grande parte das reportagens publicadas pelo Oficina de Notícia, faz com que haja certa parcialidade por falta constante de contraposição de informações, o que direciona o texto e induz a uma visão única. Uma reportagem que merece destaque por contrapor esses argumentos é a matéria “Uma moto roubada por dia” da edição 24, na qual a contextualização adequada e a variedade nas fontes consultadas conseguem dar uma visão clara da situação dos roubos de motos em Vitória da Conquista. Ainda nessa construção é possível obter informações sobre como as motos são roubadas, o porquê são preferência dos bandidos ao invés dos carros, qual o destino das motos furtadas em na cidade, o valor do seguro de uma moto e outras informações consideradas relevantes. Com todos esses argumentos dá para se ter uma noção exata da realidade de Vitória da Conquista, quando o assunto em questão é o roubo de motos.

Na editoria Uesb os temas abordados são considerados relevantes para o público ao qual se destina, porém algumas matérias apresentam períodos mal construídos, confusos, o que dificulta, em partes, a compreensão. Como exemplo, podemos destacar o trecho de “A gente quer por inteiro, e não pela metade”, da edição 24, que diz “o silêncio que ronda as universidades em períodos de greve, especificamente na Uesb, nada mais é do que um apelo por reformas”, que contraria a idéia central da reportagem que seria de apontar uma universidade mobilizada para conseguir melhorias através dos protestos. A contradição existente entre esse período e todo o corpo da notícia acaba provocando essa confusão no que o Oficina se propõe na reportagem.



Quando o assunto é Uesb e trabalhado em sua própria editoria, a reportagem apresenta uma temática bem trabalhada, por se encontrar fechada na própria instituição. Já quando a universidade é retratada nas demais editorias, pode se perceber uma dificuldade de contextualizá-la em outra realidade que não seja a sua própria. É o caso da reportagem que ganhou o espaço principal do jornal da edição 21, ao denunciar a situação crítica do Instituto Médico Legal (IML) de Vitória da Conquista e a relação, através de um convenio, entre a universidade e o instituto. “O convênio, ainda em fase e aprovação, propõe que a universidade faça adaptações em parte do instituto para torná-lo adequado ao ambiente acadêmico, com a instalação de salas de aula, auditórios e laboratórios no próprio local onde são realizadas as necropsias”. A forma como a relação entre o IML e a Uesb está abordada através do convênio, retira a responsabilidade que a universidade tem de oferecer uma estrutura adequada para que o curso de medicina funcione normalmente.

Em se tratando do Dossiê, também se percebe a introdução de temas importantes para a comunidade acadêmica da Uesb e a sociedade conquistense, público ao qual o jornal se destina. No entanto, por se tratar de uma reportagem construída com cerca de 14.000 caracteres, é notável a dificuldade de coesão textual e de manter uma linha de pensamento dentro das reportagens dessa editoria. O fato de ser escrito por mais de uma pessoa é um dos agravantes para as questões listadas acima. Exemplo dessas contradições existentes em alguns Dossiês do Oficina de Notícias pode ser observada no que é conhecido como olho da reportagem “A verdade além da imagem”, da edição 22. O olho dessa notícia traz o seguinte: “Crianças e adolescentes sofrem diariamente o peso da violência física e moral que ronda Vitória da Conquista – os números confirmam a realidade que é observada a olho nu e, pior ainda, assombram por revelar aquilo que não se pode ver”. A abordagem da matéria também merece destaque. Apesar de ser um tema considerado relevante, não é encontrado nenhum dado no corpo da notícia que revele a dimensão do problema na cidade. Os impactos psicológicos que a violência pode gerar as crianças e adolescentes, e as conseqüências que essa violência traz para a sociedade não são apontadas. A fuga do estilo jornalístico é facilmente notada ao se chegar ao fim da notícia, que traz um desfecho poético ao tema.

Em “O Estado não garante segurança”, publicado na edição 23, é notável a ausência de visão humanística do problema dos presídios superlotados. Não que desfechos poéticos como o dossiê da edição 22 seja o tipo de ação devida, entretanto há a necessidade de



ser trabalhado nessa reportagem a questão das medidas sócio-educativas como uma das formas de solução do problema da superlotação dos presídios.

Na editoria de Meio Ambiente os temas e títulos das reportagens parecem querer abordar o lado social das questões ambientais. No entanto, mais uma vez a população não foi consultada. Além disso, há uma série de abordagens equivocadas, como na reportagem “Jóia do tráfico” da edição 25, que ao falar sobre o tráfico de animais silvestres, afirma que “O maior problema é que uma boa parte morre antes de chegar ao seu destino final: para que um papagaio chegue à casa de alguém por exemplo, nove precisam morrer”. Da forma que o trecho foi escrito, simplifica por inteiro o comércio ilegal, pois o problema dele seria apenas a morte da maior parte dos animais, ou seja, se estes chegassem vivos ao destino final não haveria com o que se preocupar.

Por fim, a editoria Ponto Final, destaca-se que 31,2% das notícias são relacionadas com a Uesb, o que acaba passando a impressão de que as Últimas seriam uma extensão da editoria Uesb. Outro problema identificável é a utilização do espaço para publicidade de eventos como o Festival de Verão, que por sinal, não é realizado em Vitória da Conquista.

Conclusão

Ter um espaço onde se possa fundir a teoria vista nos semestres anteriores com a prática jornalística, como também elaborar um produto no qual a experimentação de formatos, gêneros e linguagem se torne realidade para os estudantes de comunicação são os principais objetivos dos jornais laboratórios. Nesses ambientes de experimentação, os futuros profissionais da comunicação começam a ter noção dos desdobramentos que as notícias podem ter para a sociedade. O fato de não apresentar vínculos mercadológicos e institucionais aumenta a responsabilidade com o seu público leitor ao retratar a realidade na qual ele está inserido.

Tomando por base as referências teóricas sobre jornal-laboratório e a análise realizada nas edições do Oficina de Notícias, percebe-se que o produto laboratorial do curso de comunicação se distancia dos objetivos.

Em 45,7% das suas reportagens as fontes não-oficiais deixaram de serem consultadas. Dessa forma, percebe-se a perpetuação do modelo elitista tradicional midiático, em que a população não participa ativamente no processo de construção das notícias. Esse problema já foi apontado como principal crítica ao Oficina de Notícias pelos três ombudsmen que analisaram a produção das cinco edições publicadas. O professor



Anaelson Leandro, ombudsman da edição 23 afirma que: “Ao analisar os textos senti falta do que a professora da USP, Cremilda Medina, apregoa: o diálogo possível. Em alguns casos a apuração realizada não foi humanizada. Deu-se ênfase a uma estrutura técnica de texto, cuja rigidez deixou de lado, ou fora, o cidadão comum, aquele que está sendo afetado diretamente pelos problemas sociais”.

O conhecimento limitado dos assuntos em algumas temas abordados pelo Oficina, fruto da parcialidade assumida ao ouvir apenas as fontes oficiais é que faz com que discursos, por vezes preconceituosos sejam reproduzidos no espaço laboratorial. Como exemplo o trecho da reportagem “A vida é mais forte que a AIDS”, onde se pode ler que “Contudo, entre os novos desafios, o preconceito ganha cor”. Exatamente em uma reportagem que sugere a quebra de preconceitos para reforçar o acesso aos tratamentos contra a AIDS, utiliza-se de uma expressão igualmente preconceituosa.

“O vereador não é um homem de favores, igual pensavam os pobres interioranos que barganhavam seus votos a troco de tijolo, bujão de gás ou fubá, mas é o resultado da eleição popular quanto a um representante ativo que possa responder pelo todo populacional”. É exemplo de como a população carente é retratada pelo Oficina de Notícias.

O fato de se ter como referência jornalística aquilo que é perpetuado nas mídias convencionais faz com que o espaço laboratorial seja confundido com um jornal comercial, o que compromete o objetivo do jornal-laboratório. Tal prática faz com que os alunos não se questionem sobre o fazer jornalístico, sobre a responsabilidade inerente ao jornalista de dar um retorno à sociedade.

Os resultados encontrados nesta análise refletem a falha metodológica utilizada na produção do Oficina de Notícias, que ao tentar seguir modelos pré-estabelecidos, acaba por distanciar-se dos seus critérios de noticiabilidade, principalmente do seu público-alvo e, conseqüentemente, daquilo que se entende por realidade de Vitória da Conquista.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. ; HORKHEIMER, M.. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1985.

LOPES, D. F. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Ed. Summus, 1989.



POLICENO FILHO, M. L. **Jornal-laboratório, uma atividade pedagógica muito além do exercício de marketing.** Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2008.

Projeto Pedagógico do curso de Comunicação Social da Uesb, 1997.

VIEIRA J. A. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório.** Tese de Doutorado. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.